



CONSELHO TUTELAR

Protocolado pedido de anulação das eleições

Documentos contaram com assinatura de 11 candidatos

REDAÇÃO

onacional@onacional.com.br

O advogado Marcos Costa Turelo protocolou ontem à tarde, no Ministério Público Estadual e no Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente (Comdica) o pedido de impugnação das eleições do Conselho Tutelar, realizada no domingo passado. No documento, assinado por uma comissão formada por 11 candidatos, ele solicita a anulação do pleito e o exame de todas as listas com os dados dos eleitores que votaram.

Uma das suspeitas, segundo ele, é de que alguns eleitores tenham votado mais de uma vez em seus candidatos. "Em determinados locais de votação a fila era enorme. Muita gente desistiu e procurou outros locais de votação, onde nem estavam inscritas. O voto era vedado fora de sua respectiva seção. Para agilizar o processo, foram criadas listas avulsas. No nosso entender, não houve controle. Alguns eleitores podem ter votado mais de uma vez. Em alguns casos, os próprios candidatos se encarregaram de organizar filas com seus eleitores. Queremos esclarecer estes fatos" afirmou. O repre-

sentante da comissão também denunciou a retirada de urnas em algumas seções, em áreas mais afastadas do centro, antes do horário previsto. "Alegaram que não havia procurar por parte dos eleitores. Quem foi ao local para votar pouco antes das 17h, não conseguiu. Os votos destas pessoas poderiam mudar os rumos da eleição" alega.

Integrantes da comissão eleitoral do Comdica, órgão responsável pela eleição, devem se reunir nos próximos dias para analisar o conteúdo do pedido. O Ministério Público Estadual, que acompanhou o pleito, até ontem à tarde também não havia examinado o documento.

Nas eleições de domingo, mais de 10,4 mil eleitores compareceram às urnas para escolha dos conselheiros tutelares. Dos 70 candidatos, foram eleitos cinco conselheiros titulares para Microrregião I e cinco para a Microrregião II. A posse acontece em 10 de janeiro de 2016.

Durante o pleito muitos eleitores reclamaram da estrutura. Oito urnas eletrônicas apresentaram problemas e alguns mesários não compareceram para trabalhar nas eleições. A votação ocorreu entre as 09h e 17h, em 48 locais de votação. Algumas seções foram integradas e, em cada uma delas, havia apenas uma urna eletrônica. Parte dos eleitores teve que enfrentar longas filas e esperar mais de uma hora para votar.



Eleições ocorreram no último domingo



Gilberto Cunha

O livro segundo Roger Chartier

Roger Chartier, intelectual francês que goza de reconhecimento internacional pelos seus trabalhos sobre a história do livro e da leitura, foi um dos convidados especiais do 13º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, que aconteceu na Universidade de Passo Fundo, entre os dias 28 de setembro e 1º de outubro de 2015.

Entre as obras de Roger Chartier, eu, particularmente, aprecio a coletânea de ensaios encapsulada no livro "A mão do autor e a mente do editor". E destaco isso, inclusive, porque nesse livro pode ser encontrada boa parte das falas que Chartier usou na "Conferência a duas vozes: Novas tecnologias - ler e escrever, aprender e apagar", que ele proferiu no aludido evento (na noite do dia 30 de setembro), em dueto com Anne-Marie Chartier.

Foi em Kant, na sua "A metafísica dos costumes", que Roger Chartier se valeu para definir a natureza dual do livro: objeto (matéria) e discurso (texto). Eis a essência do que, ainda hoje, a maioria de nós entende por livro: um objeto material que pertence à pessoa que o adquiriu (ou ganhou de presente) e um discurso (intangível) endereçado ao público, que permanece propriedade do seu autor (propriedade intelectual/direito autoral) e que só pode ser posto em circulação por aqueles designados pelo autor (cessão do direito de copyright).

A erudição de Roger Chartier - vasta, mas não pedante - enriqueceu culturalmente os que tiveram a oportunidade de ler os seus ensaios ou ouvir as suas conferências. Sobre o livro impresso, tal qual conhecemos hoje (feito de folhas e páginas), um protótipo do século 18 que reina até os nossos dias, nos permitiu saber que, diferentemente do que muitos imaginam, a sua origem não remonta à invenção da prensa de Gutenberg e os tipos móveis, mas sim aos primeiros séculos da era cristã, quando o códice, ao substituir o rolo, promoveu uma verdadeira revolução na leitura e no armazenamento de informações. Gutenberg e sua invenção, no primeiro momento, permitiram a produção maciça e a disseminação ampla de objetos impressos que não eram necessariamente livros.

Outra particularidade, nem sempre perceptível por nós leitores, que foi destacada por Roger Chartier, é a materialização do livro, na forma da palavra escrita - manuscrita, impressa e eletrônica - e o caminho que percorria até chegar aos leitores do passado e como ainda chega até os leitores contemporâneos. É um processo de elevada complexidade que, como bem frisou Chartier, sempre envolveu, em maior ou menor grau, a mão do autor e a mente do editor.

Nos rastros do processo editorial, há muitas pessoas lidando com o material original antes de esse ganhar a forma final de livro; no passado e ainda hoje. Houve o reinado dos escribas que transcreviam a primeira versão dos manuscritos do autor, os censores que autorizavam a publicação, os editores que se interessavam por publicar, os revisores que preparavam e corrigiam o texto, os copistas (na era dos manuscritos) que produziam as cópias limpas das obras e depois os tipógrafos que compunham as páginas (colocando pontuação e acentos) para a impressão. Enfim, uma longa história, cuja arqueologia não nos permite ignorar que, mesmo no universo editorial contemporâneo, nada muito diferente acontece com os livros impressos (ou digitais no formato e-book), cujos textos são redigidos e corrigidos pelos autores (não raro com a ajuda do editor de texto em uso) na tela de um computador pessoal. Em resumo, é impossível não reconhecer a dimensão coletiva, desde sempre, em qualquer produção textual que mereça ser chamada de livro.

Os novos suportes digitais estão criando uma nova maneira de leitura, segmentada e descontínua, e uma nova forma de construção e de publicação dos discursos textuais que chamamos de livros. No que isso vai dar? Roger Chartier, por entender que os historiadores em geral são maus profetas, não fez nenhum vaticínio. Uma coisa é bem provável: o aumento, simbolicamente (uma vez que digitais), da pilha dos livros inúteis.

Presidente da academia Passo-Fundense de Letras

gcunha.apl@gmail.com